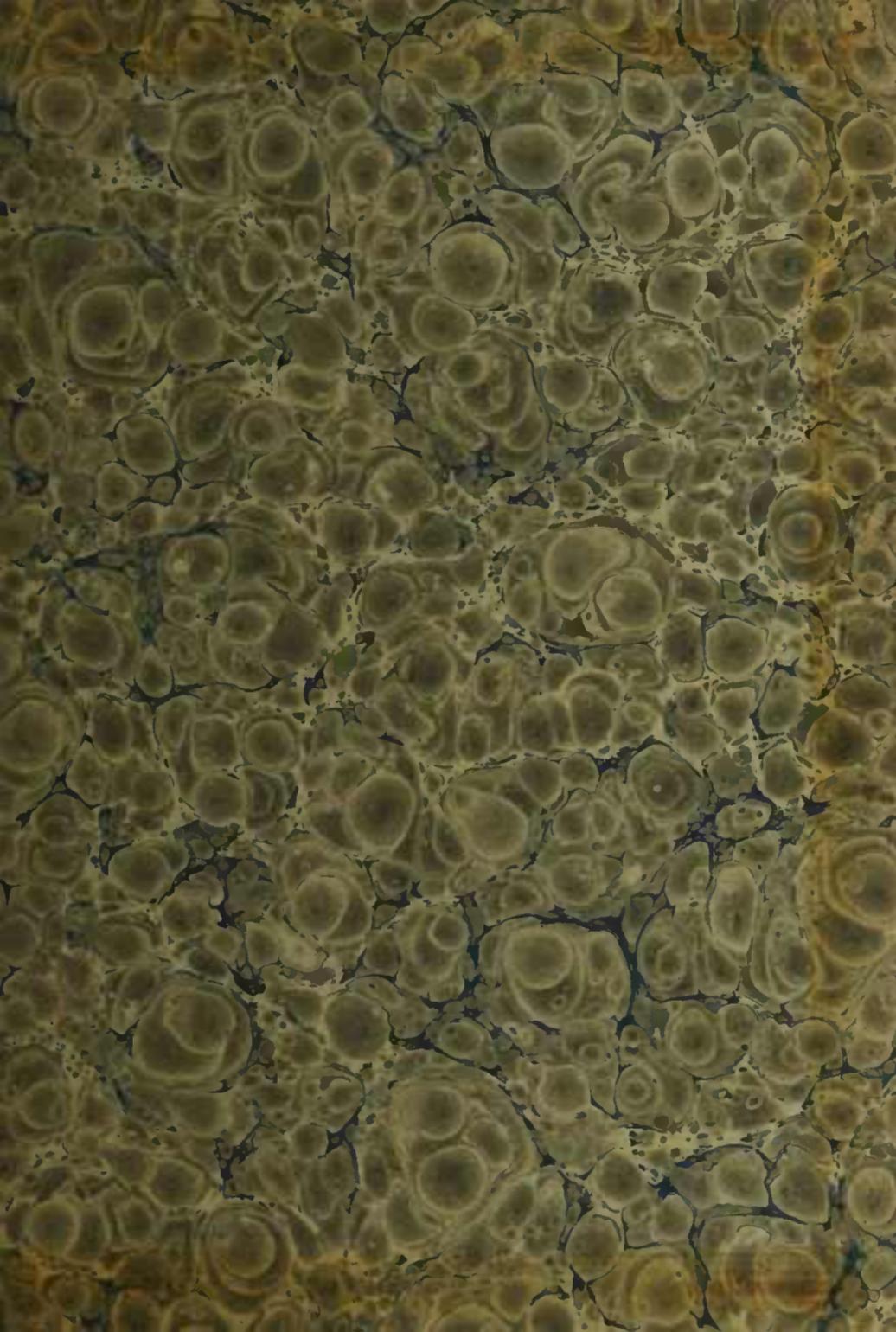


MARTI-S. PAUL











# **NOITE DE S. JOÃO**

**OPERA COMICA EM UM ACTO.**



**RIO DE JANEIRO.**

**EMPRESA NACIONAL DO DIARIO.**

**Rua do Rosario N. 84.**



**1857.**



# A NOITE DE S. JOÃO.



O que ahí vai, não sei verdadeiramente o que é ; chamei-lhe *opera comica* ; outros dirão que não passa de uma collecção de máus versos, sem metrificacção, sem harmonia.

Não importa. Se alguns dos nossos jovens compositores entenderem que isto merece as honras do theatro, a melodia da musica disfarçará a dissonancia da versificacção.

Se me resolvi a publicar este trabalho incorrecto e feito ás pressas, foi unicamente para facilitar a leitura áquelles mesmos que o quizerem aproveitar ; não tive outro fim, nem tenho outra aspiracção senão dar aos talentos musicaes um pequeno thema para se desenvolverem.

Não espero nada de semelhante publicacção ; pois ninguem ignora que a poesia lyrica de uma opera fica inteiramente obscurecida pela musica.

Mery com o seu espirito já observou, á proposito de Rossini, que tanto peior, incorrecto e anti-grammatical era o verso, tanto mais sublime fôra a inspiracção do genio.

Na Italia o poeta de operas, ou o fazedor de

versos, é um empregado como o contra regra, o ponto, o pintor de vistas; elle pertence ao machinismo do theatro; com a simples differença que exerce a sua arte sobre palavras, em quanto os outros a exercem sobre o scenario.

A' vista disto creio que não entrará na cabeça de ninguem pretender uma minima parcella de gloria escrevendo uma opera; isto é, a mais absurda, e a mais extravagante das composições dramaticas, a que só a musica com o seu magico poder anima e dá vida.

Ao contrario, fazer uma opera deve ser, e é para um homem que tenha um pouco de gosto litterario, um sacrificio; sacrificio de tempo, sacrificio de idéa, sacrificio de personalidatê; porque nesse genero de drama é muitas vezes preciso que o pensamento do autor se modifique, para subordinar-se á inspiração do professor.

Entretanto é mister que aquelles que amão a musica fação esse sacrificio; outros, segundo me consta, já derão o exemplo; seja-me permittido pois apresentar tambem a minha pequena offrenda no templo das artes.

Agora duas palavras sobre o motivo e a idéa desta composição.

O enredo é o que ha de mais simples e de mais natural naquelles tempos de boas crenças,

que já lá vão. E' uma lenda muito conhecida sobre a noite de S. João.

Em Portugal a flôr sibylina era a alcachofra, tão cantada por Garret e pelos outros poetas portuguezes; mas a crença popular lá e aqui no Brasil dava a mesma virtude á outras plantas, sobretudo ao alecrim, talvez pela facilidade de transplantar-se por galho, o que fazia que a sorte agradasse á todos.

Póde ser que notem alguns muita innocencia e muita ingenuidade no amor que fórma a pequena acção desta opera; mas se reflectirem que a scena se passa em 1805 no Rio de Janeiro, então colonia, em época de abusões, de prejuizos, de crenças e de tradiçções profundas, ainda não destruidas pela civilisação, de certo não estranharão como defeito aquillo que só é naturalidade.

Quanto ás regras artisticas deste genero de composiçãõ, segui as que me parecerão melho- res e muitas vezes a imaginaçãõ; entretanto podem ser modificadas ao gosto do professor que escrever a musica.

Sobre a metrificaçãõ, ha uma questãõ que não está resolvida entre nós; e é que valor têm os diphthongos no verso como syllabas; se formão um pé ou dois. Ordinariamente isto fica ao arbitrio do autor, que se guia pela cadencia.

Eu deixo ao arbitrio do compositor; se a união ou divisão dos diphthongos sôar mal em musica, poderá alterar-se o verso como fôr melhor e mais harmonico.

O mesmo pratiquei a respeito das vogaes. Lendo-se um verso, ha ellipses naturaes que se fazem pela simples pronuncia; entretanto que cantando-se, e dividindo-se as syllabas pelas notas, póde não dar-se a subtracção.

Eis o que julgo necessario dizer áquelles a quem dedico esta opera; aos litteratos não me dirijo, porque já adverti que isto não é um trabalho feito com esmero; é uma simples tela em branco que o compositor se incumbirá de colorir.

Finalmente, tendo sido o meu desejo, escrevendo isto, sómente o vêr uma opera nacional de assumpto e musica brasileira, cedo de bom grado todos os meus direitos de autor áquelle que a pozer em musica o mais breve possível.

Rio de Janeiro, 25 de outubro de 1857.

*J. de Al.*

**A NOITE DE S. JOÃO.**

**OPERA COMICA EM UM ACTO.**

## PERSONAGENS:

ANDRÉ.—*Tabellião do Rio de Janeiro, 59 annos.*

CARLOS.—*Sobrinho de André, 19 annos.*

IGNEZ.—*Filha de André, 16 annos.*

JOANNA.—*Velha cigana, 50 annos.*

*Côro de rapazes, de moças e de famílias que vão á festa de S. João em Botafogo.*

---

A scena é n'um arrabalde da cidade do Rio de Janeiro, em Botafogo, no anno de 1805.

---

# A NOITE DE S. JOÃO.

*Uma rua campestre formada de cercas de espinheiros. No fundo apparecem chácaras. A' direita a casa de André com um alpendrado na frente, e um jardimzito ao lado. A' esquerda continuação da rua. No centro um tamarineiro á sombra do qual está collocado um banco tosco. Ao longe vê-se o clarão das fogueiras e dos foguetes.*  
São 9 horas da noite.

---

## Scena I.

FAMILIAS, MOÇOS, MOÇAS *que vão á festa,*

VOZES DESTACADAS.

Viva S. João  
Santo folgazão!

CÔRO DE RAPAZES E MOÇAS.

Ao clarão das fogueiras  
Meus amigos, brinquemos!  
Alegres companheiras,  
S. João festejemos.

CÔRO DE RAPAZES.

Boa sorte, moça gentil,  
Boa sorte ~~lhe~~ dê o fado;

E que se case em abril  
Com quem fôr do seu agrado.

CÔRO DE MOÇAS.

Boa sorte, gentil senhor,  
Hoje lhe dê S. João;  
Que não veja maio em flôr  
Sem ter preso o coração.

CÔRO DE RAPAZES E MOÇAS.

*Sahindo.*

Ao clarão das fogueiras,  
Meus amigos, brinquemos!  
Alegres companheiras,  
S. João festejemos.

**Scena II.**

IGNEZ.

*Só.*

*Quando o côro vai sahindo, Ignez apparece no alpendre, acompanha-o algum tempo com os olhos, depois desce a escada.*

IGNEZ.

Como alegres vão  
Brincar e dançar!  
E eu só a rezar  
A minha oração.

*Desce a scena.*

Meu bom S. João,  
Tu que estais no céu,  
Livrai-me do véo  
E da profissão.

Meu pai quer-me freira,  
Freira não serei ;  
Minha alma já dei  
Em qu'elle não queira.

Eu te amo, meu Deus!  
Da vida os momentos,  
Os meus pensamentos,  
Bem sabes, são teus !

Mas o coração,  
Esse me fugiu,  
De mim se partiu ;  
Já não é meu ; não !

*Senta-se e fica pensativa.*

### **Scena III.**

**IGNEZ, CARLOS.**

*Carlos entra sem ser percebido, e vê Ignez pensativa e com as mãos juntas.*

**CARLOS.**

Ella reza ; a oração  
E' todo o seu pensamento ;  
E mal sabe o sofrimento  
Que tenho no coração.

Quer fugir-me! Não me ama,  
Para sempre a vou perder!  
O que me resta?... -O dever.  
Soldado, a patria te chama.

*Aproxima-se de Ignez e contempla-a com enlevo.*

Ah! quando de Deus o véo  
Te roubar ao meu amor,  
Serás, graciosa flôr,  
A minha estrella no céo.

*A menina ergue os olhos, e vendo Carlos  
assusta-se.*

IGNEZ.

Ah! meu primo!...

CARLOS.

Ignez!...

IGNEZ.

Tão cedo voltou...  
A festa acabou?

CARLOS.

Não; mas desta vez  
Não lhe acho prazer.

IGNEZ.

Porque?

CARLOS.

Sou soldado ;  
Tenho outro cuidado,  
Vou talvez morrer.

IGNEZ.

*Supplicante.*

Carlos, se me estima,  
Não me falle assim !

CARLOS.

*Com ironia.*

No convento, prima,  
Rezará por mim.

IGNEZ.

Ah ! por compaixão  
Mude de tenção !

CARLOS.

Não, não ; eu jurei,  
Soldado serei.

IGNEZ.

*Despeitada.*

Eu, freira professa ;  
Serei abbadessa.

CARLOS.

Corro ao campo da victoria,  
Vou a patria defender ;  
O soldado que ama a gloria,  
Deve por ella morrer.

IGNEZ.

Corro ao claustro, á solidão  
Minha alma a Deus offerecer ;  
Quem ama a religião  
Deve a ella pertencer.

CARLOS E IGNEZ.

Adeus, Rio de Janeiro,  
Adeus, campo onde nasci.  
Meu bello tamarinheiro,  
Vou viver longe de ti.

Adeus, meus alegres dias,  
Adeus, flôres que plantei,  
Agua, céos, que me sorrias,  
Adeus, tudo quanto amei !

CARLOS.

Adeus,  
Oh ! amores meus,  
Que vou combater  
Pelo rei, por Deus  
Vencer ou morrer.

IGNEZ

Adeus,  
Oh ! amores meus,

Que vou pertencer  
Ao senhor meu Deus,  
Por elle viver.

**Scena IV.**

IGNEZ, CARLOS, ANDRÉ.

*André entra cantando.*

ANDRÉ.

Que bella funcção !  
Ua soberba ceia,  
Barriga hem cheia,  
Viva S. João !

CÔRO.

*Ao longe.*

Viva S. João  
Santo folgazão.

CARLOS E IGNEZ.

*A parte.*

Oh ! que comilão !  
Oh ! forte glotão !

ANDRÉ,

Que bella funcção !  
Tanto inhamo assado,  
Bolos com melado,  
Viva S. João !

CÔRO.

*Ao longe.*

Viva S. João  
Santo folgazão!

CARLOS E IGNEZ.

*A parte*

Oh ! que comilão  
Oh ! forte glotão !

- ANDRÉ.

Que bella funcção !  
Tiros e foguetes,  
Cangica e roletes,  
Viva S. João!

CÔRO.

*Ao longe*

Viva S. João  
Santo folgazão!

CARLOS E IGNEZ.

*A parte*

Oh ! que comilão  
Oh ! forte glotão !

*Carlos e Ignez chegam-se a André e querem fallar-lhe ao mesmo tempo; puxão-lhe ora por um braço, ora por outro.*

CARLOS.

*A' direita.*

Ah ! Meu tio !

IGNEZ.

*A' esquerda.*

Meu pai !

CARLOS.

Pretendo partir.

IGNEZ.

Quero te pedir...  
Por Deus escutai !

CARLOS.

Quando amanhecer...

IGNEZ.

Já neste momento...

CARLOS.

Soldado vou ser...

IGNEZ.

Me mande ao convento.

CARLOS.

Ah ! Meu tio !

IGNEZ.

Meu pai !

CARLOS.

Eu vou combater.

IGNEZ.

Freira quero ser...  
Por Deus, escutai !

ANDRÉ.

*Interrompendo-os*

Com a bréca !  
Forte sécca !

Pelo grande Santo André,  
Meu divino padroeiro,  
Entendão-se, por quem é ;  
Fall' um de vocês primeiro.

Um me puxa daqui,  
Outro puxa dalli ;  
Um me grita de cá,  
Outro escute de lá !

CARLOS.

IGNEZ.

Oh ! Meu tio !....  
Desejo partir

Meu pai !

Por Deus, escutai !

Quero te pedir....  
Por Deus, escutai !

As amanhecer....	Já neste momento....
.....	.....
Soldado vou ser....	Me mande ao convento.
.....	.....
Oh! Meu tio!....	Meu pai!
Eu vou combater	.....
.....	.....
Por Deus, escutai!	Freira quero ser, Por Deus, escutai!

ANDRÉ.

*Arremedando.*

Oh! Meu tio! Meu pai!  
Desejo partir....  
Quero te pedir....  
Por Deus, escutai!

Quando amanhecer....  
Já neste momento....  
Soldado vou ser....  
Me mande ao convento.

Oh! Meu tio! Meu pai!  
Eu vou combater....  
Freira quero ser....  
Por Deus, escutai!

*Pausa.*

Cada um por sua vez  
Falle claro e compassado;  
Vem cá, filha, minha Ignez,  
Falle, senhor estouvado.

*A Ignez.*

Vem cá!

*A Carlos.*

Vem cá!  
Ponha isto já  
Em trocos miudos.

*Pausa.*

Então ficão mudos ?

CARLOS.

*A' parte.*

Oh ! Ella se cala !

IGNEZ.

*A parte.*

Oh ! Elle não falla !

CARLOS.

*A parte.*

Se arrependeria !

IGNEZ.

*A parte.*

Meu Deus ! mudaria ! . . .  
Pois eu não ! Não mudo.

CARLOS.

*A parte.*

Eu não me arrependo.

*Dá um passo.*

IGNEZ.

*A parte.*

Ah! vai dizer tudo!

CARLOS.

*A parte.*

Como estou soffrendo!

ANDRÉ.

Não tugem.  
Nem mujem.

IGNEZ.

*A parte.*                      *Alto.*

Vamos! Animo!... Meu pai,  
Uma graça só vos peço;  
Ao convento me mandai,  
Com prazer vos obedeco.

CARLOS.

Meu tio e Sr. André,  
Uma graça só vos peço;  
Dai-me espada e boldrié,  
Sou valente; eu o mereço.

ANDRÉ.

Bravo! bravo! meus meninos,

Eu vos dou minha bênção ;  
Seguireis vossos destinos,  
Tal era minha tenção.

*A' Carlos.*

Serás soldado.

*A' Ignez.*

Terás o yéu.

IGNEZ.

*A parte.*

Oh ! Malfadado !

CARLOS.

*A parte.*

M'a rouba o céo !

ANDRE'.

Ai ! que bella vida !  
Sozinho comendo,  
Boa pinga bebendo.  
Livre e descansado,  
Sem outro cuidado !

CARLOS.

Oh ! Que bella vida !  
Valente soldado  
Com a espada ao lado  
No largo do Paço  
Uma guarda faço.

IGNEZ.

Ah! Que bella vida !  
Noiva do senhor,  
Cheia de puro amor,  
São alegres sonhos  
Meus dias risonhos.

ANDRÉ.

*A parte.*

Oh! Que triste vida !  
Ilusão perdida !  
Sozinho comendo,  
Sozinho bebendo,  
Fico solitario  
Qual celibatario !  
Pensando,  
Lembrando,  
Os tempos que aqui  
Com elles vivi !

CARLOS.

*A parte.*

Oh! Que triste vida !  
Ilusão perdida !  
Misero soldado  
Com a espada ao lado,  
No largo do Paço  
Longas horas passo !  
Pensando,  
Lembrando,  
Os tempos que aqui  
Com ella vivi !

IGNEZ.

*A parte.*

Ah! Que triste vida!  
Illusão perdida!  
Freira do Senhor,  
Viuva de amor,  
São pallidos sonhos  
Meus dias tristonhos!  
Pensando,  
Lembrando,  
Os tempos que aqui  
Com elle vivi!

### **Scena V**

JOANNA.

*Só.*

*Joanna entra lentamente logo que a scena  
fica deserta.*

JOANNA.

E' perto de meia noite;  
As estrellas já se apagam;  
Os máos espiritos vagão;  
E não sei onde me acoite.

Ah! quantos neste momento  
Esperão sua boa sorte;  
Mas o meu padecimento  
Só espera pela morte.

*Senta-se.*

## Scena VI.

IGNEZ, JOANNA.

*Ignez apparece no alpendre procurando.*

IGNEZ.

Pareceu-me ouvir alguém!...  
Ah! Uma pobre mulher.  
Coitada, nem capa tem...

*Adianta-se*

Boa velhinha, o que quer?

JOANNA.

Nada, formosa menina,  
Do mundo nada desejo.

IGNEZ.

Perdôe; mas no rosto vejo,  
Que soffre, que se amofina.

JOANNA.

Sinto fome; sinto frio,  
Não tenho um abrigo, filha;  
Pedi pão, ninguém me ouviu;  
Me chamão de maltrapilha.

Os ricos do seu jantar  
Não me dão nem as migalhas;  
Não me deixão repousar  
Nem mesmo em cima das palhas.

IGNEZ.

Coitada! Venha comigo,  
Aqui terá um abrigo.

*Aponta para a casa*

Aquêlle tecto não cobre  
Riquezas nem abastança ;  
Mas o desgraçado, o pobre  
Alli entra, alli descança.

Aquella porta não guarda  
Senão a nossa humildade ;  
Mas ao passante, que tarda,  
Não nega hospitalidade.

JOANNA.

Acho emfim um seio amigo,  
Terei aqui um abrigo.

*Aponta para a casa.*

Aquelle tecto não cobre  
Riquezas nem abastança ;  
Mas no coração do pobre  
Alli vive a esperança.

Aquella porta não guarda  
Senão a santa humildade ;  
Mas ah ! . . . por ella não tarda  
Que não entre a flicidade.

*Entrão na casa.*

## Scena VII.

ANDRÉ, CARLOS.

*A scena fica um momento deserta. Entrão Carlos que vai á janella, e deita um ramo de flôr ; e André que sahe de casa pensativo.*

CARLOS.

*Na janella.*

Venho pela ultima vez  
Saudar meus tristes amores,  
Deixar aos teus pés, Ignez,  
A minha alma nestas flôres.

ANDRÉ.

*Do lado opposto.*

'Stá me dando seu cuidado  
Essa teima dos pequenos;  
Um embirra em ser soldado  
Outra freira, nada menos.

CARLOS.

*Vendo André.*

Ai! o tio!... E esta agora!  
Se me pilha aqui mettido,  
Deita-me de casa fóra;  
Fico pr'a sempre perdido!

ANDRÉ.

*Pensativo sem vêr Carlos.*

Vou depressa aconselhar-me!  
Frei João d'Amor Divino  
Desta alhaja ha de tirar-me;  
E' homem de grande tino.  
Muito bem,  
Corro e já.

CARLOS.

*Assustado.*

Elle vem  
Para cá!

ANDRÉ.

*Estremece ouvindo rumor.*

Hem!... Ouvi!

CARLOS.

Me sentiu!

ANDRÉ.

Me illudi!

CARLOS.

Não me viu!

ANDRÉ.

Corro e já  
Sem demora,

CARLOS.

Vem p'ra cá  
E' agora.

*Os dois adiantão-se; Carlos para fugir; André para sahir; esbarrão-se no meio da scena e recuão soltando um grilo.*

ANDRÉ.

*Tremendo.*

Jesus, Maria, José,  
Nem me posso ter em pé!

CARLOS.

*Rindo.*

Qua! qua! qua! O tio André  
Nem se póde ter em pé.

ANDRÉ.

*Tremendo.*

Ai!... Pelo signal,  
Da... da Santa Cruz;  
Livrai-me Jesus  
De... de todo o mal.

Ai !... Ave Maria  
Tão cheia de graça ;  
Ai !... Valei-me um dia,  
E nesta desgraça.

Ui ! meu Padre nosso  
Que no céu estais....  
Ah ! que já não posso !...  
Bemdito sejais !

Ai ! Salve Rainha  
Nesta benta hora,  
Advogada minha,  
Valei-me, Senhora !

CARLOS.

*Rindo.*

Faz pelo signal . . .  
Sim ! da Santa Cruz ;  
Grita por Jesus  
Que o livre do mal.

Reza Ave Maria  
O velho barbaça ;  
Ha quem não se ria  
D'uma tal desgraça !

Temos Padre nosso,  
Bemdito sejais !  
Ai ! que já não posso,  
Não ! não posso mais.

Oh ! Salve Rainha !...  
Deit'hoje p'ra fóra  
Toda a ladainha !...  
O que falta agora ?

*André e Carlos cantão as coplas acima alternadamente.*

ANDRÉ.

*Tomando coragem.*

Se és uma alma d'outro mundo  
Qu'andas por aqui pensando;  
Pela cruz benta te mando  
Que voltes já ao profundo.

CARLOS.

*Pensa.*

Oh! que idéa! Vou m'escapar!  
Es da gula peccador....  
Morrerás como um tambor...  
Mas hoje podes passar.

ANDRÉ.

Senhora do Livramento,  
Livrai-me desta desgraça!

CARLOS.

Vamos! Obedece! passa!  
Isto já, neste momento!

ANDRÉ.

Lá vou!

*Sahe correndo.*

CARLOS.

Passou!

*Respira.*

Apre! eu mesmo inda não sei  
Como desta me safei!

*Olhando para o terraço.*

Porém ahi chega Ignez,  
Vou me esconder outra vez.

*Esconde-se á direita.*

### **Scena VIII.**

IGNEZ, JOANNA, CARLOS *á parte.*

*Ouve-se rumor da festa.*

. JOANNA.

Lá festejão S. João,  
Tambem eu já festejei  
Quando tinha um coração,  
Quando fui moça e amei.  
Ah! que tempos já lá vão!

IGNEZ.

Erão bem lindas então  
As festas que se fazião?  
Os moços nessa funcção  
As moças o que dizião?  
Em casamento as pedião?

CARLOS.

*A' parte.*

Que tal! Para uma freira  
'Stá muito perguntadeira!

JOANNA.

Oh! Quando chegava o dia  
Logo cedo me enfeitava;  
Que doce e santa alegria!  
Com que prazer não brincava,  
E a sorte não esperava!

CARLOS.

*A' parte.*

Ai! Como está derretida  
Esta velha delambida.

IGNEZ.

A sorte?... De que maneira?

JOANNA.

Inda me lembro; era assim:  
Uma velha feiticeira  
Da festa quasi no fim  
Dizia ás outras e á mim:

CANÇÃO.

« Filha, á meia noite irás  
Sozinha lá no jardim;  
De joelhos colherás  
Um raminho de alecrim.

« Plantarás mesmo ao relento ;  
Se o raminho florescer,  
Conseguirás teu intento ;  
E feliz terás de ser.

« A's vezes vem um anginho  
Bafejar a linda flôr ;  
Elle te dirá baixinho:  
—Deus protege o teu amor. »

IGNEZ.

E succedia tál qual  
A feiticeira dizia ?

JOANNA.

Fosse bem, ou fosse mal,  
Por força que succedia.

CARLOS.

*Á parte.*

Oh! Meu Deus! Qu' inspiração!  
Se eu consultasse S. João?

IGNEZ.

*Á parte. —*

Oh! Meu Deus! Qu' inspiração!  
Me palpita o coração.

CARLOS.

A' meia noite eu irei  
Sozinho lá no jardim ;

De joelhos colherei  
Um raminho de alecrim.

Plantarei mesmo ao relento;  
Se o raminho florescer,  
Conseguirei meu intento,  
Ignez minha tem de ser.

Do céu virá um anginho  
Bafejar a linda flôr;  
Elle me dirá baixinho:  
—Deus protege o teu amor.

IGNEZ.

A' meia noite eu irei  
Sozinha lá no jardim;  
De joelhos colherei  
Um raminho de alecrim.

Plantarei mesmo ao relento;  
Se o raminho florescer,  
Conseguirei meu intento,  
De meu primo eu hei de ser.

Do céu virá um anginho  
Bafejar a linda flôr;  
Elle me dirá baixinho:  
— Deus protege o teu amor.

CORO.

*Ao longe.*

E' já meia noite dada  
E' a hora bem fadada !

CARLOS E IGNEZ.

E' já meia noite dada  
E' a hora desejada!

*Sahem furtivamente cada um do seu lado, sem  
se verem e entrão no jardim.*

### **Scena IX.**

JOANNA.

*Só.*

*Ergue-se e vai sahir.*

JOANNA.

Vós, que pagais pelo pobre  
A esmoja da caridade,  
A quem este tecto cobre,  
Dai, meu Deus, felicidade.

Vou além, breve morrer,  
Longe de um olhar amigo;  
Mas não quero entristecer  
Da paz este doce abrigo.

*Sahe.*

### **Scena X.**

CARLOS, IGNEZ.

*Entrão do jardim sem se verem, trazendo cada  
um delles um raminho de alcerim.*

IGNEZ E CARLOS.

Florirás ? Não florirás ,  
Meu raminho de alecrim ?  
E bôa sorte me darás ?  
O coração diz que sim.

Linda, feiticeira flôr,  
Flôr deste meu coração !  
A's fallas do meu amor  
Oh ! não me respondas—não.

Deus te fadê, bem fadada,  
Gentil e mimosa palma.  
Que vicejes á alvorada,  
Flôr querida de minha alma.

*Sóbem á scena e vão plântar o ramo de alecrim  
no mesmo vaso que está sobre o pilar do alpen-  
dre. Suas mãos se tocão; recuão assustados.*

IGNEZ.

*A' parte.*

Ah ! meu Deus ! O que seria !...  
Que susto que me causou !

CARLOS.

*A' parte.*

Oh ! pareceu-me que via  
Um vulto que me tocou !

IGNEZ.

*A' parte.*

Sim ! Eu senti. . . . outra mão  
A minha mão apertou !

CARLOS.

*A' parte.*

Não ; não foi uma illusão !  
A vista não me enganou !...

*Ficção pensativos.*

CARLOS E IGNEZ.

*A' parte.*

Ah ! já me lembro !.. sim... sim !  
A velha fallou assim :  
« Às vezes vem um anginho  
Bafejar a linda flôr ;  
Elle te dirá baixinho :  
—Deus protege o teu amor. »

IGNEZ.

Sim ! Foi o anginho de Deus  
Que meu rosto bafejou ;  
É que nos dedinhos seus  
A minha mão apertou.

CARLOS.

Sim ! foi o anginho de Deus  
Que meu rosto bafejou ;  
Forão os dedinhos seus  
Que minha mão apertou.

CARLOS E IGNEZ.

*Descem.*

Meu bom anginho,  
Vou te pedir

Que o meu raminho  
Faças florir !

E com a flôr  
Que vai se abrir,  
O meu amor  
Veja sorrir.

*Chegão-se de novo ao vaso para plantar o ale-  
crim.*

IGNEZ.

*A' parte.*

Ah ! Sinto-o junto de mim !  
Me cerra a mão outra vez !

CARLOS.

*A' parte.*

Que mãozinha de alfinim !  
Ah ! se fôsse a mão de Ignez . . .

IGNEZ.

*A' parte.*

Se eu lhe fallasse . . .

CARLOS.

*A' parte.*

Se a abraçasse . .

IGNEZ

*A' parte.*

Se eu lhe contasse...

CARLOS.

*A' parte.*

Se eu a beijasse...

IGNEZ.

*A' parte.*

Talvez cumprisse  
O meu desejo.

CARLOS.

*A' parte.*

Talvez sorrisse  
Com o meu beijo.

IGNEZ.

*A' parte.*

Vou lhe fallar,  
Já não hesito.

CARLOS.

*A' parte.*

Devo-a beijar,  
Lá vai ! 'stá dito !

*Aproximão os rostos, Ignez que vai fallar recebe na face o beijo de Carlos e fica tremula e confusa.*

IGNEZ.

Ai! deu-me um beijo!

CARLOS.

Meu Deus! Que vejo!

IGNEZ.

Ah! Carlos!

CARLOS.

Ignez!

IGNEZ.

Meu primo!

CARLOS.

A olhal-a nem me animo!

*Pausa.*

IGNEZ.

*Confusa.*

Vinha tambem ao jardim  
Plantar o seu alecrim?

CARLOS.

*Tomando-lhe a mão.*

Sim, meu anginho,  
Vim te pedir  
Que o meu raminho  
Faças florir.

E com a flôr  
Que vai se abrir,  
O meu amor  
Veja sorrir.

IGNEZ.

Não sou anginho  
P'ra me pedir  
Que o seu raminho  
Faça florir.

Mas com a flôr  
Que vai se abrir,  
O ncsso amor  
Vejo sorrir.

*Repelem o dueto: André entra, e ouvindo-os aproxima-se; vê os dois que se abraçam.*

## **Scena XI.**

OS MESMOS, ANDRÉ.

ANDRÉ.

*Chegando-se.*

Olé! 'stá bonita!  
Ande lá! Repita!....

IGNEZ.

*Assustada.*

Ah! Meu pai...

CARLOS.

*Assustado.*

Meu tio!

IGNEZ.

*Tremula, á parte.*

Meu Deus!

CARLOS.

*Confuso, á parte.*

Estou frio!

ANDRÉ.

Quem viu um soldado  
Assim namorado?...  
Quem viu uma freira  
Tão namoradeira?...

CARLOS.

Ah! Meu tio! ... perdão!  
Dava á patria a vida,  
Mas o coração  
E' de Ignez, querida.

IGNEZ.

Ah! meu pai! . . . perdão!  
Sua filha querida  
Deu-lhe o coração,  
Deu-lhe mais que a vida.

CARLOS.

Era só por ella  
Que eu queria morrer;  
Sem a minha estrella  
Não podia viver.

IGNEZ.

Era só por elle  
Que eu queria o véo;  
Se não fosse delle,  
Seria só do céo.

ANDRE'.

Bem diz Frei João  
Que é espertalhão:  
« Menina que reza  
A todo o momento;  
Qu'anda sempre lésa,  
E pensa em convento;  
Não sabe o que quer  
A sonsa mulher?  
Quer só casamento. »

Bem diz Frei João  
Que é espertalhão;  
« Rapaz que só trata  
De ser militar;

Que só tem bravata,  
É vive a brigar ;  
Não sabe o que quer ?  
Quer achar mulher  
Para se casar. »

CARLOS.

Ah! meu tio!... perdão,  
Era só por ella, etc.

IGNEZ.

Ah! meu pai!... perdão,  
Era só por elle, etc.

ANDRÉ.

Já sei! Já ouvi!  
Estão de namoro!  
Oh! tudo entendi....  
E' um desafôre!

*Pausa. Carlos e Ignez estão cabisbaixos.*

Mas no fim de contas  
Melhor é casar ;  
Cabecinhas tontas  
Sempre andão no ar.

*Alegria de Carlos e Ignez que abraçam André.*

## **Scena XII.**

OS MESMOS, FAMILIAS *que voltão da festa.*

CÔRO.

*Entrando.*

La morrem as fogueiras,  
A cinza já não arde:  
Alegres companheiras,  
Vamos! vamos! que é tarde.

Acabou toda a festa  
Adeus, meu S. João!  
Agora só nos resta  
Das sortes o condão.

Fugiu-nos o prazer  
A' cidade tornamos;  
Já vai amanhecer,  
Meus amigos partamos!

IGNEZ.

O meu amor  
Era uma flôr  
Do coração  
Inda em botão;  
Veiu S. João  
E a fez abrir,  
E a fez sorrir  
E se expandir.

CÔRO.

E sorrir,  
E florir.

IGNEZ.

Era minha alma  
Qual uma palma  
Da oração  
Na isenção;  
Veiu S. João

E a fez abrir,  
E a fez sorrir  
E se expandir.

CÔRO.

E sorrir,  
E florir.

IGNEZ.

Meu coração  
Era um botão  
De linda flôr,  
Porém sem côr;  
Veiu o amor  
E o fez abrir,  
Se colorir,  
E se expandir.

CÔRO.

E sorrir,  
E florir.

ANDRÉ E CARLOS.

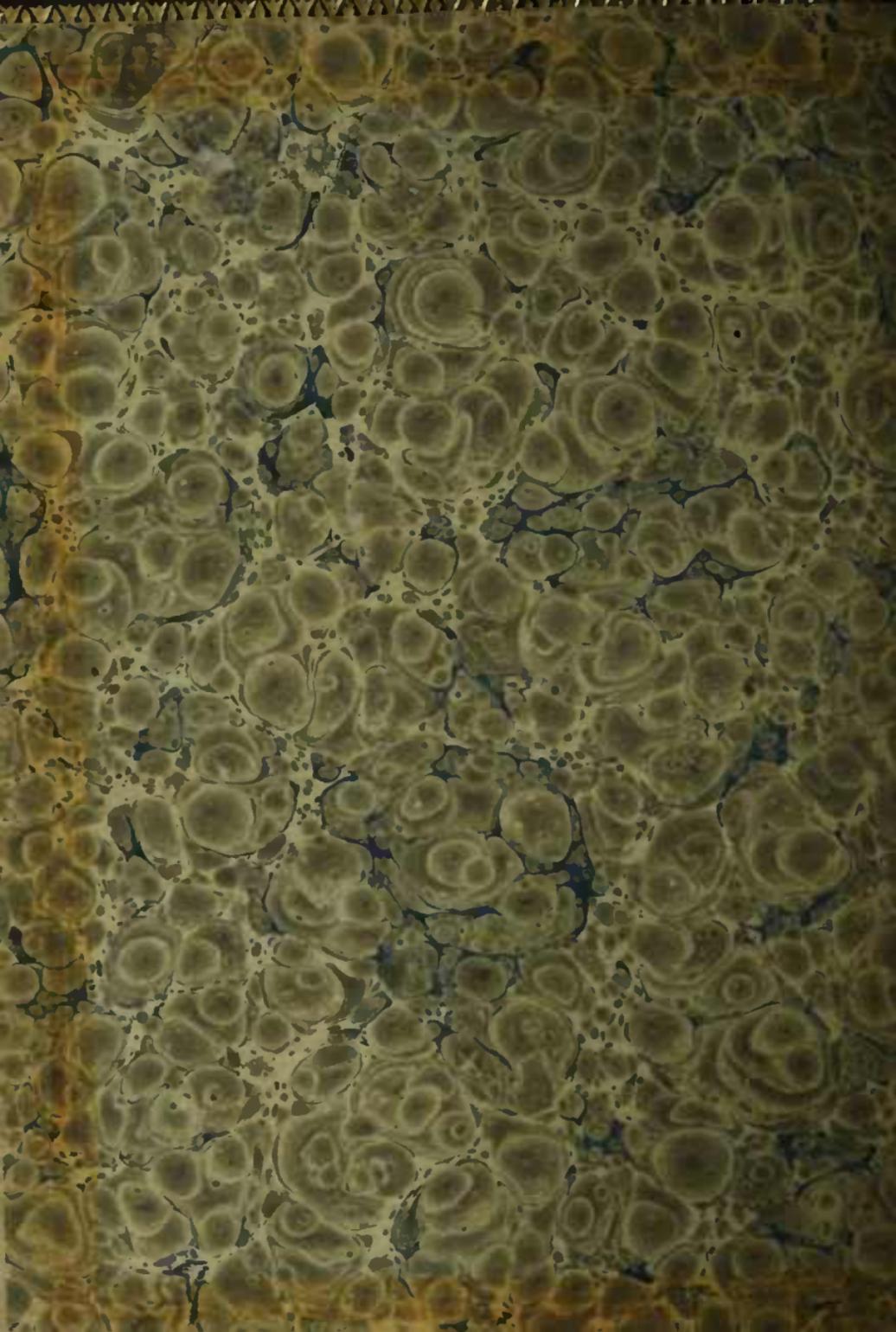
E sorrir,  
E florir.

CÔRO.

*Sahindo.*

Lá morrem as fogueiras,  
A cinza já nem arde;  
Alegres companheiras,  
Vamos ! vamos ! que é tarde.

FIM.







## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).